

UM ESTUDO SOBRE AS JUVENTUDES NAS HQS DA TURMA DA MÔNICA JOVEM: TENSIONANDO DITOS HEGEMÔNICOS

LIA NUNES SANTO¹; BÁRBARA HEES GARRÉ²

¹*Instituto Federal Sul-Rio-Grandense -IFSUL 1 – lia.santo@colegiogonzaga.com.br*

²*Instituto Federal Sul-Rio-Grandense -IFSUL – barbaragarre@gmail.com2*

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho consiste em um estudo sobre as Histórias em Quadrinhos (HQs) da Turma da Mônica Jovem (TMJ) no período compreendido entre março de 2018 até março de 2019. Aqui, tomamos as HQs enquanto um potente artefato cultural midiático que auxilia na construção e reverberação de ditos sobre jovem/juventude na contemporaneidade. A revista investigada aborda em seus discursos determinados modos de ser jovem e de se viver a juventude.

A investigação alinha-se ao campo dos estudos culturais na perspectiva pós-estruturalista e aos estudos foucaultianos. Assim, trabalhamos com a compreensão de que as HQs constituem- se como potentes pedagogias culturais, que ensinam, educam e subjetivam sujeitos. Tomamos como referencial teórico e metodológico desta pesquisa alguns conceitos/ferramentas do filósofo francês Michel Foucault,

Todos meus livros, seja História da Loucura seja outro podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-círcuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 2006, p. 52).

Para tanto, buscamos problematizar discursos que versam sobre os modos de ser jovem e de se viver a juventude, tensionando os ditos hegemônicos que repercutem nas HQs das TMJ. Esses ditos hegemônicos giram em torno de sujeitos em condição de juventude, que fazem uso frequente de instrumentos tecnológicos para manterem-se conectados aos veículos midiáticos. Para tanto, trazemos a compreensão de juventude enquanto um modo de ser, em que o sujeito se constitui através das discursividades que circulam através dos artefatos pedagógicos midiáticos, para além de uma faixa etária específica.

Porém, para entendermos melhor as questões abordadas na proposta do trabalho em questão, percebemos a importância de discorrermos um pouco mais sobre o modo pelo qual estamos olhando e compreendendo a noção de juventude. Assim, nos aproximamos de Ruggieri Neto:

Juventude é uma expressão bastante imprecisa, podendo, na linguagem cotidiana, vir a significar coisas diversas, desde um “estado de espírito” até uma parcela de uma população dada e dividida em grupos etários. Aliada a esta diversidade de significados na comunicação corrente, observa-se que a juventude, enquanto ideia e enquanto experiência de vida, se altera consideravelmente no decorrer do tempo histórico, acompanhando transformações de ordem política, econômica e cultural (RUGGIERI NETO, 2015, p. 9)

Assim, tomamos a juventude, conforme Ruggieri Neto nos inspira, enquanto uma experiência de vida, um “estado de espírito”, desconstruindo a ideia hegemônica de uma juventude categorizada por faixas etárias. Nesse trabalho percebemos que, para o sujeito ser considerado jovem, estar vivenciando uma condição de juventude, é necessário que esteja conectado a modos de ser, de pensar e de agir condizentes com tal estado de vida, independente da sua idade.

Destacamos ainda que as enunciações proliferadas nas histórias sujeitam condutas, subjetivando seu jovem leitor a determinadas práticas e comportamentos que acabam sendo naturalizados, permitindo-nos, assim, compreender um discurso de juventude que está na ordem do saber, do poder e da verdade. Nesse sentido, percebemos o quanto as histórias da TMJ constituem-se como estratégias que colocam em funcionamento as relações de poder. A partir deste material de análise investigamos como são fabricados modos de ser jovem e de se viver a juventude a partir das enunciabilidades e visibilidades que compõem as HQs, bem como buscamos compreender de que forma os sujeitos ditos jovens, leitores da revista, são subjetivados por tal artefato cultural.

2. METODOLOGIA

A pesquisa tensiona certos ditos hegemônicos acerca dos modos de ser jovem e de se viver a juventude na contemporaneidade. Ditos estes que estão construídos discursivamente em nosso *corpus* empírico, as HQs da TMJ, mais especificamente as edições publicadas no espaço compreendido entre março de 2018 a agosto de 2019. Ao analisarmos as HQs, buscamos extrair as enunciações e organizá-las a partir de suas recorrências e dispersões. A partir daí construímos algumas unidades de análise e as problematizamos. Para realizarmos tal movimento, nos aproximamos de alguns conceitos foucaultianos, que tomamos como ferramentas de análise. Até o momento operamos com as ferramentas de discurso, poder e modos de subjetivação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendemos que olhar para as HQs da TMJ, constitui-se uma importante estratégia analítica, por trazer no dito e no visível de suas historinhas, modos de ser jovem e de se viver a juventude que são bem recorrentes na atualidade. Alguns aspectos estão bem delineados, como a questão da subjetivação dos sujeitos pelos artefatos midiáticos. As discursividades circulantes nestes artefatos operam sobre os corpos dos personagens bem como operam sobre os corpos dos sujeitos leitores de tal HQ.

Tais movimentos estão visíveis nas HQs, como exemplo, apresentamos a revistinha de número dezesseis, na qual a personagem Mônica é uma youtuber, e na página 50, aparecem duas amigas conversando sobre suas roupas, sapatos e bolsas, os quais são iguais aos que ela usa e apresenta em seu canal do *Youtube*. Outra situação que podemos discorrer aqui, acerca dos modos de ser jovem trazidos em nosso *corpus* empírico, está na edição de número vinte, onde a turma é convidada a passar um final de semana em acampamento da escola, porém, estão proibidos de levarem seus artefatos tecnológicos (telefones celulares, tablets e outros). No entanto, essa imposição gera descontentamento nos personagens, e este dito é evidenciado na fala de Cebolinha, na página nove, quando ele diz: “*Esses lugares só servem para desconectar as pessoas! Para afastar a gente da tecnologia*

e...”. Mais adiante, na mesma página, a personagem Denise fala: “*nem venham querer me separar do meu celular! Celular é vida! A louca!*”

Com isso, compreendemos que essas discursividades circulam, naturalizam modos de ser e de agir de seus jovens leitores. Ao dar visibilidade a relação dos jovens com seus artefatos midiáticos tecnológicos, a HQ também ensina e reforça a compreensão do quanto esses sujeitos estão atravessados por certos modos de viver, o quanto os *smartphones* e suas ferramentas operam nas vivências desses indivíduos em condições juvenis. Portanto, corroborando para a produção de novas discursividades acerca da juventude contemporânea. Segundo Rockembach:

Podemos pensar em alguns modos de subjetivação de uma população dita jovem a partir de diversos dispositivos, artefatos e instituições. A música, a escola, a moda, a família, a literatura, as políticas públicas, o cinema e a mídia são alguns exemplos. Nestes lugares circulam discursos que fabricam determinadas verdades a respeito de como ser é jovem na atualidade. (ROCKEMBACH, 2018, p. 30).

Conforme discorre o autor, existem vários modos de subjetivação que corroboram para a constituição e formação de novos modos de ser um sujeito dito jovem, e de novos modos juvenis existentes na contemporaneidade. Bem como relatado anteriormente, para o entendimento acerca de condições de juventude, pensemos em desengessar os modos de ser jovem das limitações de faixa etária, de fases da vida, tomamos a juventude como um modo de viver, que parece ganhar cada vez mais força na sociedade em que vivemos. Compreendemos que os artefatos culturais midiáticos e suas ferramentas, são estratégias potentes para a proliferação de um modo de viver dito como jovem.

4. CONCLUSÕES

Com isso, entendemos então, a importância de problematizarmos as discursividades acerca do jovem/juventude, apresentadas nas HQs TMJ. Como tais discursividades subjetivam e constituem os sujeitos ditos jovens, tendo em vista, que nos tornamos sujeitos, nos subjetivando e nos assujeitando por certos discursos, e rejeitando outros, gostaríamos de salientar, que os modos de ser jovem que analisamos, não se tratam de modos de viver únicos, nem tão pouco melhores, e sim, os que estão construídos discursivamente em nosso *corpus* empírico. Até mesmo, por se tratar de um trabalho debruçado em uma vertente foucaultiana, na qual, não tem por intuito trazer repostas ou demarcar um o modo certo de ser jovem e de se viver a juventude. Tal vertente busca evidenciar o que está dito e quais seus efeitos, quais significados e sentidos os discursos colocam a funcionar. Portanto, escolhemos trabalhar com a teorização foucaultiana, por se tratar, de um pensamento que nos permite olhar para o sujeito jovem como um constructo social, cultural e histórico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **A Paixão de trabalhar com Foucault**. In COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos Investigativos: Novos olhares nas Pesquisa em Educação. 2ª edição. Rio de Janeiro: DPA, 2002. p. 39 – 60.

FOUCAULT, Michel. **Dos suplícios às celas**. In.: POL-DROIT, Roger. Michel Foucault: Entrevistas. São Paulo: Graal, 2006.

ROCKEMBACH, Guilherme Rego. **Construções Discursivas em Estudo nas Mídias Digitais: Os YouTubers fabricando modos de ser jovem**. 2018. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação e Tecnologias). Instituto Federal Sul – Riograndense – IFSul, Pelotas, 2018.

RUGGIERI NETO, Mário Thiago. **O dispositivo de juventude e as políticas públicas no Brasil**. 2015. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 2015.

TURMA DA MÔNICA JOVEM. São Paulo: Panini Brasil, n. 16, março de 2018.

TURMA DA MÔNICA JOVEM. São Paulo: Panini Brasil, n. 20, julho de 2018.